

## **A Comunicação Comunitária e seu caráter adaptativo: o caso "Maré Vive"**

Luciano De Marchi Mello  
Samuel Ramos Gonzaga  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

### **Resumo**

A comunicação comunitária, como ferramenta no processo de construção de um pensamento contra-hegemônico, possui um papel fundamental para a sociedade. Suas diversas concepções, ligadas à territorialidade ou ao compartilhamento de interesses, tem por característica a constante adaptação, seja ao meio social a que pertence ou, por vezes, na expressão da linguagem. Prova disso é a página "Maré Vive", analisada nesse artigo, que desenvolve a comunicação voltada as especificidades e demandas da comunidade na qual está inserida.

**Palavras-chave:** comunicação comunitária; variação linguística; Maré Vive; Complexo da Maré.

### **Introdução**

A comunicação comunitária, como prática ou como área de estudo, tem sido uma grande aliada da população, principalmente das camadas menos favorecidas, pelo papel de informar os fatos mais próximos e que influenciam diretamente a vida da comunidade, ou por se apresentar como alternativa às grandes corporações midiáticas, auxiliando no processo de democratização da informação e diversificando as representações sociais.

Normalmente associada à radiodifusão e aos meios impressos, a comunicação comunitária tem encontrado outro caminho, com maior liberdade e alcance: as redes sociais. Por meio da peculiar experiência trazida pela página "Maré Vive", desenvolvida por moradores do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, analisaremos as possibilidades e concordâncias com as atuais definições de comunicação comunitária. A página, que também é utilizada como espaço de divulgação de atividades culturais, de campanhas de saúde e outros assuntos próprios da comunicação local, inova ao estabelecer, em tempo real, informações sobre as operações policiais da região, que se intensificaram após as andas de "pacificações", em meados de 2008.

Munidos dessas informações, os habitantes e/ou usuários da página planejam suas rotinas: se irão ou não trabalhar, levar seus filhos à creche ou escola, em que horário irão ou voltarão de suas atividades diárias ou seus momentos de lazer, em um processo análogo, podemos dizer, à checagem da previsão do tempo.

Importante compreender, para uma análise mais completa, como o processo de comunicação se dá na perspectiva linguística. Apesar da dinâmica de constante participação dos usuários, que possuem um modo coloquial regionalizado de se expressar, o uso da variação padrão pela administração da página se faz presente, de maneira mista. Para compreender esse fenômeno utilizaremos a teoria sociolinguística de Labov (2008), traçando um panorama sobre a relação social da língua e dos meios.

As ferramentas e táticas da comunicação podem se tornar grandes aliadas na processo de contra-hegemonia, assim como definido por Gramsci (1978). Suas particularidades, porém, dependem do uso que se dá a ela, já que seu modo de operação pode ser modificado e adaptado. Se a comunicação reproduz, ideologicamente, a visão hegemônica, também poderá ser utilizada para combatê-la, basta que os meios estejam disponíveis. Se antes os processos comunicativos eram caros e sujeitos aos conhecimentos técnicos, agora novas possibilidades estão disponíveis para uma real perspectiva de democratizar o discurso e atingir, por conseguinte, aqueles que antes eram excluídos ou não representados.

## **O Conceito de Comunidade e sua relação com a Comunicação**

Visando construir um panorama mais amplo do conceito de Comunicação Comunitária, abordaremos inicialmente algumas tentativas históricas de estabelecer o conceito de comunidade ligado à comunicação. Talvez a primeira, do final do século XIX, pertença ao alemão Ferdinand Tonnies, em seu aclamado texto *Comunidade e Sociedade* (Comunidad y Sociedad, 1947), que dentro do campo sociológico se voltou ao ambiente rural, em um cenário onde já se iniciava o processo da primeira revolução industrial, para discriminar as definições de comunidade e sociedade. Segundo o autor, comunidade se caracteriza por relações mais orgânicas e reais, enquanto sociedade estabelece a ideia de relações mecânicas, imaginárias ou possíveis. A partir disso Tonnies estabeleceu três possibilidades de vida comunitária: consanguínea (parentesco), espiritual (sentimentos, interesses em comum, etc) e de proximidade (vizinhança). Na década de 1930, Antonio Gramsci desenvolve a tese da formação da cultura ligada ao

conceito de hegemonia. Para o autor italiano, as relações de soberania e os equipamentos de controle não se desenvolvem apenas no âmbito político e econômico, mas também dita os rumos ideológicos da cultura e dos meios de comunicação. Apesar de Tonnies não elencar uma das três possíveis definições desenvolvidas por ele como a mais importante, o cenário político-social do século XX e a popularidade de Gramsci acabaram elencando o conceito de comunidade ligado as características da espiritualidade como o mais difundido, justamente por seu caráter ideológico. Movimentos políticos alinhados a literatura gramsciana desenvolveram assim uma direta associação entre iniciativas comunitárias e o pensamento contra-hegemônico, visão utilizada até hoje e observável na definição de comunicação comunitária desenvolvido por Denise Mara Cogo (1998, p. 51):

[...] o espaço privilegiado de constituição e vivência dos valores fundamentais como a solidariedade, a união, a ajuda mútua que, articulados à religiosidade impõem-se como referenciais indispensáveis na compreensão das culturas populares na sua relação com a comunicação. Ela é o mediador entre o universo privado da casa e do mundo público da cidade, um espaço que se estrutura com base em certos tipos específicos de sociabilidade e, por último, de comunicação entre parentes e vizinhos.

Ainda segundo Marcelo Gabbay e Raquel Paiva, no livro *Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores* (2014, p. 49), atualmente é possível dividir a comunicação comunitária em três grandes áreas de estudo. São elas: comunicação e processos identitários, que visa compreender "...as variadas formas de manifestação identitária relacionadas ao delineamento de contornos culturais, étnicos, hereditários ou territoriais."; comunicação e movimentos populares, ambientalistas e culturais, que englobam "as práticas comunicacionais empreendidas por populações indígenas, quilombolas, rurais, movimentos sem-terra, associações..."; e comunicação de conflitos urbanos, que possui "...o papel formativo e articulador das ações de comunicação em ambientes comunitários permeados por conflitos urbanos".

A comunicação comunitária, além de ser uma poderosa ferramenta de contraposição aos discursos hegemônicos, como definimos anteriormente, possui uma linha tangencial que perpassa as três grandes áreas de estudo atuais. Seja nos processos identitários, nos movimentos ou nos conflitos urbanos, seu caráter informativo é processado em um contexto extremamente segmentado, principalmente se comparado aos grandes meios de

comunicação e seus boletins e jornais em nível nacional. Com o recorte mais delimitado e a área de informação descentralizada, assuntos de relevância pública desprezados por seu caráter insignificante frente ao contexto nacional, podem ser levados à população. Seja na saúde pública, como, por exemplo, na divulgação de uma campanha de vacinação ou na cultura, com a publicação da agenda cultural da semana, informações de alto interesse e importância podem ser propagadas. Por esse motivo, a comunicação comunitária é, usualmente, definida como comunicação local. Embora essa interpretação não esteja errada, tampouco está completa. Seu uso exclui, como trazido por Tonnies, duas possibilidades de vida comunitária: a consanguínea e a espiritual, englobando apenas a perspectiva da proximidade.

Atualmente, o conceito de comunicação comunitária está se reestruturando, assim como o próprio conceito de comunidade. Com o advento e a popularização da internet, por meio de novas tecnologias de transmissão do sinal e de novas plataformas como os smartphones, por exemplo, a ideia de comunidade está cada vez mais baseada em interesses mútuos do que na territorialidade. Se até pouco tempo os veículos de comunicação eram limitados por fatores como o alcance das ondas de rádio ou a tiragem e distribuição regional de um jornal, agora as informações são transmitidas e estão disponíveis a qualquer indivíduo que possua uma conexão com a internet. Sendo assim, indivíduos que não necessariamente compartilham o mesmo espaço, porém dividem interesses, podem, mais facilmente, formar uma comunidade.

Em meio as várias possibilidades de definição, algo é absolutamente claro: a comunicação comunitária necessita ser avaliada conforme seu contexto e tempo. Como fruto de fatores político-sociais, ela apresenta um caráter extremamente dinâmico, se modificando ao passo das transformações da sociedade. Mais do que isso, a comunicação comunitária, assim como outras áreas da comunicação, pode se tornar um agente das transformações, dada a relevância do poder ideológico que detém, mesmo frente aos poderes econômico e político, assim como definido por Norberto Bobbio, em *a Teoria das Formas de Governo*:

Os meios com os quais os intelectuais podem tornar conhecidas e fazer valer as suas próprias ideias (se as têm ou mesmo se não as têm) são enormes. Nenhuma comparação possível entre o tempo em que Sócrates se entretinha com os amigos, os discípulos ou os alunos, em um diálogo íntimo, e o nosso tempo, no qual um artigo publicado em qualquer jornal pode ser lido imediatamente por milhares de pessoas

ou uma aparição na televisão pode ser vista por milhões. Nosso auditório dilatou-se desmesuradamente. De limitado a uma região, a um território, a uma cidade, tornou-se nacional [...]. De nacional, torna-se, em alguns casos, quase internacional, graças à rapidez das traduções e à rapidez das comunicações. (Bobbio, 1997, p. 93-4)

Conforme demonstrado por Bobbio, a força da comunicação relacionada ao poder ideológico tem se expandido desde o surgimento da prensa de Gutenberg e, podemos dizer, tem atingindo níveis exponenciais com as novas tecnologias oriundas da internet, alterando significativamente sua noção de territorialidade.

### **Um Estudo de Caso: A Página *Maré Vive***

Com o advento das redes sociais, a facilidade e a velocidade de propagação de informações tem atingido seu apogeu. Nunca foi tão fácil se comunicar em larga escala. O que antes necessitava de uma gama considerável de aparelhos técnicos e uma grande logística de distribuição, agora depende apenas de uma plataforma e o acesso à internet. Nesse contexto, muitos canais surgiram com a intenção de descentralizar as fontes de informação. Um desses canais, que analisaremos a seguir, é a página do Facebook "Maré Vive", que conta com mais de 42 mil seguidores.

Com características voltadas à Comunicação Comunitária, a página estabelece um canal de informação com os moradores do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. No entanto, a maneira como a página é conduzida apresenta particularidades relevantes frente aos demais meios de comunicação do setor, se caracterizando pela forte presença e participação dos usuários, como define a própria página: "Maré Vive é um canal de mídia comunitária feito de forma colaborativa, por moradores de diversas partes do Complexo da Maré."

O Complexo da Maré pode ser definido como um conjunto de bairros localizado na zona norte da capital carioca. Constitui-se por uma variedade de edificações, englobando favelas, conjuntos habitacionais e sub-bairros com casas de alvenaria. A primeira forma de ocupação da área foi composta por palafitas construídas sobre os manguezais. Com a ação da maré, as construções mais antigas acabaram cedendo, aterrando a região do mangue com o tempo. Segundo o Observatório de Favelas, em 2003, o Complexo da Maré possui área de aproximadamente 427 hectares, onde vivem cerca de 130 mil pessoas em 43 mil domicílios. Fruto de ocupação popular, em meados

da década de 1940, a área foi reconhecida oficialmente apenas em 12 de agosto 1988, por meio do decreto nº 7.980.

A seguir analisaremos as publicações de 13 a 20 de novembro de 2015, de maneira quantitativa, englobando suas curtidas, comentários e compartilhamentos, assim como seus respectivos assuntos. Desta forma poderemos visualizar seu modo de ação e de trabalho.

**Tabela 1 – Dados coletados da página**

Data	Assunto do post	Curtidas	Compartilhamentos	Comentários
13/11	Fala tu morador?	50	0	7
13/11	Divulgação de evento cultural na Maré	17	0	0
13/11	Divulgação de evento cultural na Maré	30	0	1
13/11	Assuntos externos: Marcha das mulheres contra Cunha	90	2	3
13/11	Divulgação de evento cultural na Maré	5	0	0
13/11	Aviso de “Caveirão” no Complexo	440	19	87
14/11	Fala tu morador?	49	0	9
15/11	Fala tu morador?	58	5	0
15/11	Assuntos externos: Atentado na França	727	107	63
15/11	Divulgação de evento cultural na Maré	23	2	0
15/11	Notícia sobre treinamento policial	72	1	5
16/11	Fala tu morador?	77	0	2
17/11	Fala tu morador?	46	0	10
17/11	Nota de Desaparecimento	118	54	0
17/11	Nota de Desaparecimento	184	132	15

17/11	Resolução do caso de desaparecimento	278	16	30
17/11	Assuntos externos: Sobre Europa e Oriente Médio	51	12	5
17/11	Informação de criança encontrada	290	305	29
18/11	História de um Padre da Maré que luta Jiu-jitsu	100	19	3
18/11	Divulgação de evento cultural na Maré	29	3	1
18/11	História da ativista transexual Gilmara Cunha, moradora da Maré	75	4	6
18/11	Assuntos externos: Marcha das mulheres negras	52	2	0
18/11	Notícia sobre o inquérito que inocentou PMs da morte do menino Eduardo	112	11	3
20/11	Indicação de livro: "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada"	146	3	6
20/11	Vídeo de Seu Jorge recitando a música "Negro Drama"	67	19	3

Fonte: pesquisa dos autores

O levantamento dos dados ocorreu durante uma semana, entre os dias 13 de novembro de 2015 a 20 de novembro de 2015. Durante este período de tempo foram feitas 26 postagens na página "Maré Vive", que receberam 3186 curtidas, 288 comentários e 716 compartilhamentos. O conteúdo da página mostrou-se diverso no espaço temporal analisado, incluindo questões ligadas à comunidade como questões externas.

A página mostra ter uma rotina de postagens fixas, como, por exemplo, o tópico "Fala tu morador?", onde os administradores da página perguntam como está a situação no complexo, de forma que os moradores comentem sobre as operações policiais em incursão e as possíveis balas perdidas. Por exemplo, no dia 14 de novembro, o administrador da página pergunta: "Fala Maré?! Como estamos hoje? Sábado de ir às feiras de nossa comunidade. Bom Dia!". E dois moradores respondem: "Bom dia,ouvi

um só tiro mais cedo vindo n direção da baixa...principal até o momento em paz”<sup>1</sup> e “Muito tiros no p.u”(P.U é a sigla dada para a região do Parque União). Nesse caso, notamos que os moradores cumprem, ao mesmo tempo, papel de fonte e de transmissor da informação, ao relatar o que viu e ouviu.

O post “Fala tu morador? ” apareceu cinco vezes na coleta dos dados, assim como o tópico relativo à programação cultural, que é o momento em que os administradores da página divulgam os eventos que estarão ocorrendo no Complexo da Maré durante os próximos dias. Nesse quesito, o post que recebeu mais repercussão, somando compartilhamentos, comentários e curtidas, foi o post do dia 18, que convidava os moradores para o “Cineminha do Beco”.

Embora essas postagens de caráter fixo tratem diretamente da vida cotidiana dos moradores do Complexo, foi uma postagem de cunho externo que obteve maior número de curtidas. A postagem em questão aconteceu no dia 15 de novembro, em um domingo, quando os administradores da página Maré Vive publicaram um texto criticando a repercussão dos ataques terroristas em Paris - que ocorreram dois dias antes - lembrando que existem casos de tragédias ao redor do mundo, inclusive na Maré, que não recebem a cobertura midiática devida. Esse post alcançou 727 curtidas, 63 comentários e 107 compartilhamentos, mostrando que a página, além de canal de informação e interação entre os moradores, é mediadora de debates que não têm como tema central apenas o complexo da Maré. No âmbito das postagens de assuntos externos, cabe ressaltar o destaque à “Marcha das mulheres contra Cunha” e à “Marcha das mulheres negras”, ambas ocorridas durante o mês de novembro.

As atualizações da página ocorrem em horários variados. O tópico “Fala tu, morador? ” é postado logo no início da manhã, saudando os moradores com um bom dia, e atualizando, através dos comentários, a situação e a segurança em cada área da região. Ao decorrer dos dias analisados foram compartilhadas reportagens, provenientes de portais da internet, que eram de interesse da comunidade. Um dos casos é a notícia de que policiais militares do Rio de Janeiro estavam passando por treinamentos para evitar tiros desnecessários, publicado pelo jornal O Dia, no portal IG.

Outro tipo de atividade comum na página são as publicações das histórias de vida de alguns moradores da Maré. Essas ou são retiradas de algum portal da internet ou são produções independentes, de colaboradores da página. Durante a semana de

---

<sup>1</sup> Os autores optaram por manter a grafia original das citações retiradas da página Maré Vive

observação foram feitas duas postagens com esse padrão. Uma delas contava a história de uma ativista transexual e a outra a história do padre da Paróquia Jesus de Nazaré, que luta jiu-jitsu. Ambos são moradores que atuam, em seus segmentos, dentro da Maré. Com esses exemplos, podemos notar que a página dá espaço e atenção para a diversidade do local em que está inserida.

Apesar de ter postagens que são padronizadas, durante o período de análise foi notado que a página também atua a qualquer hora do dia, se necessário for, para informar o cidadão que mora na Maré. No dia 17 de novembro foi publicado, às 10h46m da manhã, que uma garota de 15 anos estava desaparecida há dois dias. 42 minutos depois a página lançou outra publicação onde corrigia as informações e comunicava que não era apenas uma garota que estava desaparecida, mas sim três garotas. Essa postagem gerou 132 compartilhamentos e 13 comentários. No mesmo dia, às 15h39m da tarde, a página notificou aos moradores que as três garotas haviam sido encontradas. Podemos ver, através desta mesma postagem, como os administradores da página “Maré Vive” se sentem satisfeitos ao serem parte da resolução de problemas relacionados à comunidade: “ENCONTRADAS!!!Agradecemos a todos que compartilharam! As vezes criticamos as redes sociais e não as levamos a sério, porem usada para o bem ela tem uma força incrível! Novamente obrigado a TODOS! #TamoJuntoCDD.”

No dia 13 de novembro, a página cumpriu mais uma vez seu papel de ponte entre moradores ao informar que um “Caveirão”, veículo usado pelo Batalhão de Operações Especiais, o BOPE, estava circulando por regiões do Complexo da Maré. Essa postagem obteve 87 comentários, onde as pessoas relatavam, em tempo real, informações sobre os pontos da comunidade que estavam com intensa troca de tiro. Muitos comentários são desabafos de moradores que estão cansados das incursões policiais que acabam trazendo insegurança para a comunidade. “Isso é um absurdo meu esposo precisando sair pra ir trabalhar, não deixo ele sair na última ocupação do exército ele quase perdeu a perna e agora isso ai depois a mídia vem defender essa raça de polícia”, comentou uma moradora.

Outro aspecto importante a ser analisado é a questão da linguagem usada pela página “Maré Vive” e por seus seguidores, como veremos a seguir.

## **Maré Vive e a Sociolinguística**

Optaremos nesse artigo por estabelecer a análise linguística baseada na teoria de William Labov e sua sociolinguística, por seu caráter indissociável da linguagem com o contexto social. O autor, em seus estudos linguísticos, define seu objeto da seguinte maneira: "a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos" (LABOV, 2008, p.13). A ideia de analisar a língua como algo sem relação necessária com o meio, como apresentado em boa parte das teorias clássicas, para Labov, é equivocada:

Por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social. Quando publiquei pela primeira vez os estudos sobre Martha's Vineyard e Nova York, (...) pareceu necessário reafirmar esse ponto repetidas vezes. (LABOV, 2008, p. 13)

Portanto, analisaremos aqui, a linguagem estabelecida pela página levando em consideração sua relação com o contexto social, algo que, para Labov, é indissociável:

Linguistas que desejam evitar o estudo dos fatores sociais não conseguirão avançar muito fundo neste sistema: existe uma matriz social em que a mudança está encaixada, tanto quanto uma matriz linguística. (LABOV, 2006, p.114)

A partir dessa perspectiva, podemos definir a linguagem como algo variável, adaptável, formada por vários eixos de diferenciação, com seus contextos históricos, geográficos e socioculturais, manifestados por meio de variações estilísticas, regionais e socioculturais. Suas implicações se manifestam nos subsistemas formativos da língua, como o fonético, morfológico, sintático, semântico e léxico.

Sendo assim, variação linguística, tal como as variações sociais, tem sua dinâmica perpassada pelo processo pela qual as interações acontecem. Nesse sentido podemos considerar a língua viva e mutável, sem nenhum demérito, já que sua função basilar no processo comunicativo é exitosa.

Analisando as postagens da página "Maré Vive", podemos observar o uso das variações em momentos específicos, como nesse boletim: "Caveirão de rolé no Pinheiro

/ Salsa / Vila do João e Conjunto Esperança!! Atividade, que a bala tá voando" (Maré Vive, 13 de Novembro). Apesar de não se encontrar um sistema de padronização, a página utiliza variações linguísticas apenas em momentos específicos, em postagens extremamente curtas. A intenção, em suma, parece ser reforçar a identidade local utilizando as variações regionais para tal. Em outros pontos, é possível perceber a utilização de um sistema misto de expressão, onde se mantém a estrutura padrão da língua com poucas variações. Porém, o uso mais comum, ainda que a língua falada seja expressa de maneira variada, é o da norma padrão, como nesse exemplo: "Fala Tu Morador? Como andam nossas Comunidades? Que aproveitem este dia, muita paz pra todos nós. Bom dia!" (Maré Vive, 13 de novembro).

A relação entre a oralidade e a língua escrita, mesmo com sua clara interligação, não pode ser diretamente observada no caso analisado. Apesar da comunicação oral abranger todas as especificidades da variação linguística (fruto da diversidade histórica, geográfica e sociocultural, como já definimos anteriormente), outros fatores influenciam no processo, como, por exemplo, os meios de comunicação em massa, que defendem a homogeneidade da variação padrão. Se em âmbito nacional a padronização pretende a compreensão geral, de maneira que as variações regionais não participem no processo, o uso exclusivo da variação padrão no contexto da comunicação comunitária de caráter territorial e regional, como no caso analisado, não apresenta a mesma lógica. Como dito anteriormente, a variável padrão não é observada na oralidade, que permite maior fluidez, como conceitua Labov:

Comumente se assume que a mudança no som não terá vida longa nas sociedades urbanas modernas, e que os dialetos locais estão convergindo sob o efeito dos meios de comunicação de massa, que disseminam a norma padrão. Um dos resultados mais interessantes dos estudos sociolinguísticos realizados desde 1961 é mostrar que isso não é verdade. Pelo contrário, novas mudanças de sons têm emergido e outras antigas têm se completado em altos níveis em todas as comunidades de fala que têm sido estudadas intensivamente. (Labov, 1980, p. 252)

Analisando a página pela perspectiva da sociolinguística, definindo a variante padrão como um instrumento da visão hegemônica de mundo aplicada ao conceito de comunicação comunitária, podemos concluir que, pelo menos nesse aspecto, sua função contra-hegemônica não é completamente observada, com raras exceções.

## **Considerações finais**

Mesmo com as variadas possibilidades de definição do conceito de comunicação comunitária, ela é e pode ser destacada como uma ferramenta fundamental para obter-se uma comunicação entre um grupo que tenha objetivos em comum. Dessa forma, a comunicação comunitária atinge um número de pessoas que não são contempladas e englobadas nos veículos de comunicação em massa, que controlam informações conforme seus interesses. Apesar da comunicação comunitária parecer ser algo restritivo, pois está inserida em determinado grupo, onde são focalizados determinados temas comuns à comunidade, ela é inclusiva, visto que coloca em destaque fatos que não seriam noticiados em outros veículos. A comunicação comunitária age de maneira contra-hegemônica ao fluxo informativo proveniente das outras formas de comunicação dominantes, criando na comunidade formas próprias de interação e fluxo de informação.

A página “Maré Vive”, analisada neste artigo, apresenta um bom exemplo disso, demonstrando como a comunicação comunitária, pelo seu caráter ligado diretamente à sociedade, pode se reinventar, no sentido de buscar novas alternativas que satisfaçam as demandas locais. Podemos dizer que cada comunidade desenvolve ferramentas únicas que satisfaçam suas demandas. Cada comunidade utiliza-se do meio de transmissão que lhe é adequado. Com o advento das redes sociais, essas ferramentas surgem como principais meios de transmissão de informação, sendo grandes aliadas da comunicação comunitária. Principalmente pelo fato de serem produzidos conteúdos de pessoas comuns para outras pessoas comuns, sem a necessidade de um interlocutor entre elas, como funciona nas rádios comunitárias, por exemplo. Gerando, dessa maneira, uma democracia comunicativa, onde todos têm voz, falam e escutam as demandas do grupo.

No caso da página Maré Vive, o foco é comunicar e manter os moradores informados sobre a segurança pública, fato de maior preocupação para os moradores da região. Não excluimos as outras demandas do Complexo da Maré, como, por exemplo, as atrações culturais e as informações sobre campanhas de vacinação. Mas entendemos que o foco principal da página é ser um canal por onde os moradores podem descobrir se a região em que eles moram ou que trabalham está realmente segura ou se deve esperar o clima de tensão ser dissipado para então se deslocar. Da mesma forma, este cidadão pode informar que a região em que ele se encontra apresenta riscos à

população. Entendemos que, uma comunidade de pescadores, por exemplo, tem outras demandas, e para criar uma maneira de comunicar sobre essas demandas seriam utilizadas outras ferramentas, com a comunicação comunitária sendo construída com foco em outro sentido. A página Maré Vive foi a forma encontrada por um determinado grupo (moradores do Complexo da Maré) para suprir uma necessidade de informação que existia na comunidade. Essa necessidade foi suprida pelo relacionamento entre moradores, sem interferência de um meio regulador, através de comentários em uma página de Facebook. Página no Facebook esta, que também é feita por moradores. Dessa maneira, podemos concluir que, apesar de ser sistematizada, a comunicação comunitária é mutável e se adapta nas comunidades de forma que se estabeleça um relacionamento claro, possibilitado, principalmente, por um código de linguagem conhecido entre os membros dessa comunidade.

### **Referências bibliográficas**

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

COGO, Denise Mara. **No ar uma rádio comunitária**. São Paulo: Paulinas, 1998.

GABBAY, Marcelo e PAIVA, Raquel. **Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Humana, 1978.

LABOV, William. **Locating language in time and space**. New York: Academic Press, 1980).

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. M. Bagno, M. M. Pereira Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

TONNIES, Ferdinand. **Comunidad y Sociedad**. Buenos Aires: Losada, 1947.

WEINREICH, LABOV E HERZOG. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.